

**CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS**

**A VOZ E A ESCUTA**

**1º. Ensaio reflexivo e de elaboração de conteúdos apresentados**

**Formação em Psicanálise**

**Ciclo I - terça à noite**

**ANDRÉA CHAKUR**

**SÃO PAULO  
27/05/2014**

## **A Escuta e a Voz**

Em meu percurso profissional após a graduação em Fonoaudiologia, embora meu campo de atuação fosse abrangente, em áreas distintas do desenvolvimento humano, minha atenção voltou-se, principalmente, para as vozes dos pacientes. Inicialmente sob um foco médico-pedagógico, que migrou gradativamente para o analítico. Para além da voz patológica, disfônica, rouca ou soprosa, passei a ouvir de alguma forma o que hoje posso reconhecer como as angústias dos pacientes. O som de suas vozes provocava-me para uma escuta do sentido e para expressão da singularidade e da subjetividade. Quando o processo terapêutico fonoaudiológico era bem sucedido, quando havia a “cura” da alteração, do sintoma apresentado, no sentido do restabelecimento da saúde vocal, intrigava-me quando os mesmos sintomas voltavam após certo tempo. Alguns pacientes retornavam ao meu consultório e, obviamente, uma explicação fisiológica ou relacionada ao diagnóstico etiológico respondia à minha indagação do retorno do sintoma e satisfazia em parte meu questionamento. Ainda mais intrigante e provocativo ao meu raciocínio clínico se constituía o seguinte quadro: o mesmo diagnóstico laringológico e fonoaudiológico em três pacientes diferentes, tratados com a mesma técnica, sob a mesma abordagem e pelo mesmo profissional - por mim, resultavam em prognósticos distintos – um paciente se apresentava com ausência de sintomas vocais e havia a involução da lesão laríngea, o outro somente a voz se reestabelecia e a lesão permanecia e um terceiro paciente permanecia com os sintomas e a mesma lesão nas pregas vocais, similar a do diagnóstico dos dois pacientes citados anteriormente. Essas questões me fizeram buscar outra formação para atender à necessidade de uma maior compreensão da psicodinâmica dos sujeitos e o conhecimento do psiquismo humano. A Análise Bioenergética trouxe-me a compreensão de uma unidade funcional, mente-corpo, fazendo cair por terra a ideia da dualidade do ser, postulando que corpo e psiquismo estão integrados e não mais separados como no paradigma adotado em minha formação primeira. Dessa forma, comecei a ter uma explicação plausível para os diferentes prognósticos clínicos. Porém, as indagações que se apresentam no dia-a-dia clínico são incessantes e não são totalmente respondidas, pois a cada novo paciente ou a cada fase de um

processo terapêutico de um mesmo sujeito, novas provocações ao analista. Questionam-me alguns de meus pacientes: como um tratamento de voz, com exercícios e conversa suscita a mudança de comportamento no relacionamento pessoal e não apenas na voz? Como mudou o meu jeito de ser e agir? O que será que mudou em mim? – perguntas e vozes que ecoam em mim ainda hoje. E em meio às provocações dessas vozes, um novo questionamento emerge – se a voz humana é um instrumento de expressão, de comunicação, de transformação do meio e do sujeito em si mesmo, será a voz um fator primordial na constituição do sujeito, da subjetividade?

Na formação em Psicanálise busco subsídios para essa e outras questões.

Das reflexões sobre as vozes dos pacientes, passo para a questão da escuta, o outro lado da moeda: se há voz é porque há alguém à escuta.

Que escuta essa psicanalítica? Diferente da que me utilizo para meus pacientes? Se a escuta psicanalítica pode ultrapassar a delimitação de um *setting* psicanalítico, como tenho escutado de alguns professores, amplificando-se para outros âmbitos sociais, como e quanto vou acomodar o eco de tantas vozes, tantos significados, quantas vozes e quantos significantes?

Assim me percebo nesse momento inicial de meu percurso pelo caminho da psicanálise. Não acredito que necessariamente eu consiga obter respostas, mas um novo processo de questionamentos e de construção, um vir a ser psicanalista.

Nesse ensaio, proponho-me a iniciar algumas reflexões sobre a voz humana sob o olhar da clínica psicanalítica, baseando-me no contato ainda insipiente de apenas oito aulas com a teoria psicanalítica no Ciclo I, desde o mês de abril de 2014. Um ensaio, um movimento em direção à Psicanálise, de ampliação da minha escuta e do olhar para a voz humana.

## **À voz, algumas escutas**

Em um mundo eminentemente sonoro, a experiência com os sons é primária e prematura para todos nós, é sensorial e intrauterina, pois ouvimos desde o quarto mês de gestação. O feto pode sentir a vibração do som da voz materna e chega ao mundo produzindo som, o choro, a primeira fonação, que talvez se configure como/em um primeiro ensaio de expressão vocal ao nascimento. Ainda que presente, a voz humana - uma das extensões da personalidade – não se constituiu totalmente, pois se desenvolve ao longo da vida do sujeito.

O desenvolvimento da voz relaciona-se ao desenvolvimento físico, psicológico e social de um indivíduo. Naturalmente, as mudanças que ocorrem ao longo dos anos, devidamente apontadas em estudos ontogenéticos da voz humana, relacionam-se a fatores de ordem anatômica, estrutural do aparelho fonador, bem como à influência de fatores endócrinos. Ainda que se processem modificações ao longo do desenvolvimento geral e haja mudanças na voz, e ainda que possa haver uma plasticidade vocal, observa-se a predominância de um som vocal característico, denominado qualidade vocal, que faz parte da identidade de uma pessoa, mostrando-se como um reflexo de sua psicodinâmica. (BEHLAU e PONTES, 1995; BEHLAU, 2001).

Na psicologia e na fonoaudiologia, a produção de voz se relaciona aos primeiros contatos do sujeito consigo mesmo e com o mundo, auxiliando na interação social, na construção da autoexpressão, sendo um elemento primordial no processo de aquisição e desenvolvimento da fala e da linguagem.

Pesquisas sobre o desenvolvimento da voz humana, a construção da autoexpressão e a constituição do *self*, ampliam a escuta para além de dimensões sonoras e acústicas, relacionando a voz à psique, à subjetividade e à posição social do sujeito.

Wolff (1966, *apud* FOGEL, 2009), menciona que os recém-nascidos apresentam quatro diferentes tipos de choros e através da respiração, alteram os padrões de sons, sinais vocais que estão correlacionados a um significado emocional.

Da mesma forma, Branco *et ali* (2006), ao analisarem acusticamente o choro de recém-nascidos saudáveis e a termo durante o procedimento de punção venosa periférica, comentam que o neonato comunica sua dor através de uma emissão tensa, estridente e com variações no traçado espectrográfico, tais como quebras, bitonalidade e frequência hiperaguda, caracterizando uma qualidade vocal aguda, forte, rica em sons e com variações na melodia. Segundo os autores, as características vocais encontradas no choro de dor do neonato são importantes para chamar a atenção do adulto e auxiliar na avaliação de dor durante um procedimento pós-natal hospitalar.

Outros sons apresentados pelo bebê, tais como grunhidos, soluços, arrotos, suspiros, risadas e tosses, representam verdadeiras brincadeiras sonoras que se mostram visivelmente prazerosas. Regulando a própria fonação pelos efeitos acústicos de sua própria voz e da voz dos adultos que interagem consigo, o bebê vai diferenciando sua emissão desde muito cedo, com cerca de três meses de vida, até chegar a produzir vocalizações voluntárias, o balbucio, com cerca de seis meses, fase em que os sons começam a ser relacionados a um significado (PIAGET, 1978; FOGEL, 2009).

Fogel (2009) afirma que brincando com os sons os bebês começam a desenvolver a autoconsciência (*self-awareness*) através das sensações corporais fornecidas pela respiração e movimentos de todo o corpo.

Análises computadorizadas realizadas com diferentes sons produzidos pelos bebês mostram que a qualidade desses sons varia de acordo com as atividades desempenhadas, como, por exemplo, durante a exploração de um objeto, no ato de alimentação ou fazendo um questionamento (BLAKE & FINK, 1987, *apud* FOGEL, 2009).

No âmbito social, Barros Filho (2005) comenta que o uso da voz está para além de um cálculo consciente ou causas biológicas, mas advém de aprendizado decorrente de adequação às situações de existência social. A voz é, portanto, objeto de socialização que afeta as relações e está condicionado aos contextos sociais e seu uso se modifica, como, por exemplo, quando o

sujeito entra em uma igreja, velório ou biblioteca. O autor afirma ainda que é “difícil identificar virtude em alguém que vocifera”, propondo que a voz é concomitantemente um objeto de modulação cultural e condição de pertencimento social, de civilidade.

“O uso da voz obedece a um processo de socialização, isto é, a mecanismos de transmissão de valores e de normas necessárias à integração dos indivíduos, para que possam ocupar posições em seus universos sociais. O uso adequado da voz em função do espaço, posição e situação social do agente, ‘faculta o desenvolvimento de uma consciência coletiva’<sup>2</sup> e permite ‘as formas sociais de se manter’<sup>3</sup>.”<sup>1</sup> (BARROS FILHO 2005, p. 32)

Pesquisas relacionadas às áreas de acústica, biologia, ciências políticas e comportamento humano corroboram essa afirmação do autor, à medida que averiguam a correlação entre as características vocais, a manifestação vocal, o espaço social e a posição ocupada pelo sujeito.

Mayew, Parsons e Venkatachalam (2013), comprovam a correlação das características vocais com a posição de comando ocupada por sujeitos. Afirmam que 792 *Chief Executive Officers*, CEOs de empresas norte-americanas que apresentam vozes mais graves lideram empresas de grande porte e têm salários maiores, como também permanecem por um período maior nessa posição.

Behlau (2013) cita a influência de algumas características vocais no campo corporativo ao analisar as vozes de executivos brasileiros, revelando padrão semelhante, ou seja, voz com tom grave está associada a cargos de liderança. A autora sugere, também, que a voz desempenha um papel importante na seleção de líderes corporativos e que pode ser considerada como um indicador, que traz implicações para a posição que o sujeito ocupa nos campos econômico e profissional.

Outro estudo em ciências políticas de Klofstad, Anderson e Peters (2012) relata a influência da frequência da voz na votação de candidatos para

---

<sup>1 2</sup> Durkheim, E. *De la division du travail social*. Paris, PUF, 1986, p. 46 (citado pelo autor).

<sup>3</sup> Simmel, G. *Sociologie et épistémologie*. Paris, PUF, 1991. (citado pelo autor).

posições de liderança política. Os sujeitos da pesquisa, homens e mulheres, votaram frequentemente em vozes mais graves, independentemente do sexo do falante. As preferências nas escolhas sugerem que as vozes graves são avaliadas como sendo mais atraentes, ou pertencendo a indivíduos mais fortes e competentes. Com relação a líderes femininos, os sujeitos da pesquisa também votaram em mulheres com vozes mais graves. De acordo com os autores, o tom grave associa-se às características de competência, força e confiabilidade, atributos considerados importantes na capacidade de liderança.

Através dessas pesquisas observa-se a influencia das características vocais que compõem a qualidade vocal e a manifestação vocal, que se relacionada à posição ocupada pelo sujeito e ao campo social em que está inserido.

### **A voz e a escuta na psicanálise**

Se a escuta da voz pode ser diversa, saindo do campo da fisiologia e da acústica, passando pela fonoaudiologia, psicologia, chegando ao campo social, constituindo leituras peculiares sobre o fenômeno da voz na complexidade do humano, a escuta da voz na psicanálise ainda me é um campo desconhecido a ser explorado.

Meu primeiro contato com a história da psicanálise, em duas aulas em que a psicanalista Lucia Valadares abordou as condições da emergência do conceito de inconsciente, observo que esse conceito se funda quando o foco se volta à voz do paciente. Daí a relação da voz do paciente com o surgimento da teoria. Embora desde a antiguidade se apresente a noção de uma atividade não consciente e o inconsciente tenha se expressado através de diversos ritos e de atividades relativas à magia, quando expresso pela voz humana, o inconsciente tem a devida escuta e então emerge a possibilidade desse novo conceito. A voz do paciente traz consigo também uma mudança de paradigma para a área da psiquiatria.

A importância da voz nasce junto com a Psicanálise e nos remete aos primórdios da construção da teoria psicanalítica. Freud ao escutar as vozes das histéricas, fazendo calar a voz do saber médico, inaugura uma nova teoria e

um novo lugar para a voz do paciente. “A mudança do lugar da voz na clínica inaugurou a psicanálise”. (JUBILONI, *apud* VIVÈS, 2012, p.7)

Ainda que a voz demonstre uma ligação estreita com o surgimento da teoria, no princípio era a escuta...

Observo que a teoria e os conceitos se fundam no intercâmbio voz-escuta, na relação analisando-analista. Em mim volta a ressoar a voz da psicanalista Silvia Paiva durante uma discussão que se deu em uma das horas clínicas. A professora questiona: o que se escuta? O que se faz com que se escuta? Que postura é essa a do analista que faz com que se faça algo com o que se escuta?

Retorno ao significado da voz para a Psicanálise, com um livro recomendado pela psicanalista Rita Vogelaar – A voz na clínica psicanalítica de Vivès (2012, p. 13) que diz: “O apagamento do que é dito pode ser facilmente observado quando alguém toma a palavra.”...“A fala vela a voz.”

Então nessa escuta peculiar da Psicanálise temos que escutar o que diz a voz e não a fala?

Para o autor, a voz se manifesta de maneira diferente em cada enunciado, mostra-se como parte do suporte corporal na enunciação discursiva, mas sofre um apagamento em face do sentido da mensagem. (Vivès, 2012, p. 15)

Questiono: se a voz não participa do sentido da mensagem, como tanto se preconiza na área fonoaudiológica, pela expressividade vocal, o que escutava eu na voz de meus pacientes? Que algo mais me chamava a atenção para além dos sintomas vocais?

Será a escuta psicanalítica uma escuta da voz apagada pelas palavras?

De acordo com Vivès (2012, p. 12), Lacan, teórico com cujas ideias ainda não tive contato, coloca o silêncio e a voz em sua dimensão de objeto pulsional, diferentemente de Freud, cuja lista de objetos pulsionais compreende os objetos oral, anal e o fálico. Embora Freud tenha identificado o objeto olhar, foi somente com os trabalhos de Lacan, sobre a pulsão escópica relativa a



esse, junto com a pulsão invocativa reativa ao objeto voz, que se introduziu tais objetos no escopo de objetos pulsionais.

Chama-me a atenção o termo invocar, relativo à pulsão invocativa e cometo um ato falho, substituindo-o por evocar. Invocar ou evocar? Parecem-me distintos os sentidos. Recorro ao dicionário Houaiss: “chamar em auxílio, pedir a proteção de seres ou forças divinas, sobrenaturais; suplicar; pedir auxílio, assistência; recorrer; evocar qualquer força sobrenatural, oculta fazendo com que apareça; provocar (alguém); dar o que pensar a, intrigar; tornar (algo) presente pelo exercício da memória e/ou da imaginação; lembrar” – mas as definições continuam a me provocar. O que escuto nas vozes de meus pacientes? O que evocam essas vozes?

Evoco a voz do psicanalista Julio Cesar Nascimento, que durante a aula sobre pulsão (o que antes eu chamava bioenergia) nos alertou sobre as características da análise pulsional: pressão, meta/finalidade, objeto e fonte. Se a pulsão invocativa, cujo objeto voz evoca algo que não está presente (como um ser sobrenatural, algo desconhecido de si mesmo), não seria a voz, como um ato falho, ou seja, um possível acesso ao inconsciente?

A voz ainda invoca, pede auxílio, assistência, provoca o objeto. No texto *Os instintos e suas vicissitudes*, Freud (1996) trata dos destinos da pulsão, afirmando que “o termo que caracteriza a pulsão se caracteriza pela necessidade e o que elimina a necessidade é a satisfação”. As possibilidades da pulsão são: reversão a seu oposto, retorno em direção ao próprio eu (*self*) do indivíduo (mudança do objeto, sem alterar o objetivo), recalçamento e sublimação. O objeto da pulsão invocativa, em um processo de análise, não poderia ser a escuta do analista? – mudança de objeto sem alterar o objetivo? A disfonia, a alteração vocal não poderia ser entendida como um recalçamento, se a voz como um objeto sonoro na e pela psicanálise pode ser compreendida como um representante da pulsão? Como o que se recalca é sempre um representante, nos disse o psicanalista Arnaldo Domingues durante sua aula, daí a manutenção dos sintomas vocais por alguns pacientes, apesar dos procedimentos para se reverter o quadro? Certamente um recalçamento não se resolve com exercícios vocais...tampouco a satisfação da pulsão invocativa.

Enquanto questiono, acomodo-me aos novos conceitos psicanalíticos.

E ainda sobre o objeto voz e a pulsão invocativa e sua relação com a escuta, comenta Vivès (2012, p. 20):

“É assim que para se constituir, o sujeito se apoia na possibilidade de se ensurdecer diante dessa voz primordial. O próprio princípio da pulsão invocante mostra – mediante, por exemplo, a busca da voz – que o sujeito do inconsciente não esqueceu que, para tornar-se invocante, teve de se tornar surdo à pura continuidade vocal do Outro.

A operação do recalque originário permite, assim que a voz originária permaneça em seu lugar, ou seja, inaudível num primeiro tempo e depois inaudita. A surdez à voz primordial dá ao sujeito que advirá a possibilidade de ter a própria voz. Quem não chega a estruturar esse ponto surdo por intermédio do recalque originário se vê tomado pela voz do Outro. E quem não consegue se tornar surdo a essa voz primordial permanece indefinidamente nela suspenso, sob seus efeitos. Em outras palavras, o sujeito deve poder, depois de ter aceitado a voz originária, esquecê-la, sem que, por isso, o ato de esquecer seja esquecido, enodando-se aí, em sua função de subjetivação, a pulsão invocante, sobre a qual Lacan disse ser, repetidas vezes, ‘a mais próxima da experiência do inconsciente.’” (Lacan, 1964:163, *apud* VIVÈS, 2012)

Nesse ensaio e leituras encontro um início para a compreensão da função da voz e da escuta no processo de subjetivação. Aprendi que a voz humana, além das características sonoras é uma pulsão, para Lacan, pulsão invocativa, energia necessária à vida e à singularidade de um sujeito. Outros ângulos e nuances da voz podem ser ainda melhor observados e explorados, por exemplo, o objeto voz e a relação com a escuta psicanalítica na relação transferencial analisando-analista com ou sem sintoma vocal presente.

Para os próximos ensaios, pretendo desenvolver essa e outras reflexões sobre a necessidade do recalque para se ter voz própria, a necessidade de um ensurdecimento, um não escutar por parte do sujeito e ao mesmo tempo ser escutado para se tornar um sujeito com voz.

## Referências bibliográficas

BEHLAU, M.; PONTES, P. **Avaliação e Tratamento das Disfonias**, São Paulo: Lovise, 1995.

BEHLAU, M. (Org.). **Voz: o livro do especialista**. Rio de Janeiro: Revinter, 2001.

BEHLAU, M. **Lições profissionais – Fala grossa, bolso cheio** in Revista Época 789, Editora Globo, julho de 2013, p.86-90. Disponível em [http://www.cevfono.com/2010/boletins/boletim\\_49.php](http://www.cevfono.com/2010/boletins/boletim_49.php)

BRANCO, A.; FEKETE, S. M. W.; RUGOLO, L.M.S.S.; REHDER, M.I. Valor e Variações da Frequência Fundamental no Choro de Dor de Recém-nascidos, in **Revista CEFAC**, São Paulo, v.8, n.4, 529-35, out-dez, 2006.

BARROS FILHO, C., A Construção Social da Voz. In: Leny Rodrigues Kyrillos. (Org.). **Expressividade: Da Teoria à Prática**. 1ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2005, p. 27-42.

FOGEL, A. **The Psychophysiology of Self-Awareness – Rediscovering the lost art of the body sense**, 1st ed., New York: W.W. Norton & Company Inc., 2009.

FREUD, S. **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.

Vol. XV . Conferência no. 1: Introdução à Psicanálise

Vol. XIV. O inconsciente (1915)

Vol. XIV. Os instintos e suas vicissitudes (1915)

KLOFSTAD, C, ANDERSON, R, PETERS, S. Sounds like a winner: voice pitch influences perception of leadership capacity in both men and women. **Proc Biol Sci**. In press 2012. Disponível em: <http://rspb.royalsocietypublishing.org/content/suppl/2012/03/06/rspb.2012.0311.DC1.html>

MAYEW, W. J, PARSONS, C.A, VENKATACHALAM, M. Voice pitch and the labor Market success of male chief executive officers. **Evolution and Human behavior**. 2013 /in press/. Disponível em: [http://tippie.uiowa.edu/accounting/mcgladrey/winterpapers/mpv\\_ehb\\_accepted%20-%20mayew.pdf](http://tippie.uiowa.edu/accounting/mcgladrey/winterpapers/mpv_ehb_accepted%20-%20mayew.pdf)

PIAGET, J. **A origem da inteligência na criança**. 3ª. ed., Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

VIVÈS, J. **A voz na clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012.

### Sítios visitados:

<http://houaiss.uol.com.br>